

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



A segregação na cidade do Rio de Janeiro:

Uma visão através do futebol

Orientação: Sérgio Veloso

Rio de Janeiro

2020.1



A segregação na cidade do Rio de Janeiro:

Uma visão através do futebol

Orientação: Sérgio Veloso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Agradecimentos:

Agradeço, primeiramente, a minha família, pelo apoio dado até aqui e durante toda a minha graduação longe de casa. A minha mãe, Patrícia, em especial por todo o suporte que me deu nessa caminhada e por manter aceso também meu amor pelo esporte. A minha madrinha, Giovana, por tudo, pela ajuda em Niterói, pela ajuda a chegar a PUC e por todos os momentos vividos. Não posso esquecer da minha avó, que flamenguista e fã de futebol como eu, sempre acompanhou comigo tudo.

Agradeço ao meu Padrinho, Ari, americano doente, pelas conversas, ideias trocadas, debates sobre a vida, o mundo e também sobre o futebol. Pelo suporte dado por ele em todo esse processo, pelas vezes que dormi na sua casa por ser perto da faculdade. A minha tia Kathia, um muito obrigado por tudo, por todos os puxões de orelha e conversas nesses anos.

Agradeço a minha namorada, Yasmin, fundamental no processo de construção dessa monografia com um apoio interminável, pelos livros, pelas ideias trocadas sobre o futebol que sei que você não é a maior fã. Obrigado pela parceria, pelos livros, por me fazer crescer cada dia mais.

Agradeço aos meus amigos de Araruama, Rodrigo Berbet, Galego, Klender e todos os outros que ficaram comigo ao longo da jornada da escola que apesar de caminhos distintos quando nos encontramos as conversas e memórias são sempre as melhores.

Agradeço aos meus amigos da faculdade, o galera da lhama, o nosso grande time de hand masculino (hanfaevil). Aos “crocós” pelas resenhas, pelos debates sobre futebol e qualquer esporte, pelos jogos e por tudo que passamos.

Agradeço aos meus companheiros fiéis de estádio, de maracanã e de flamengo Celiny, PV e Nathália por todos os churrasquinhos antes dos jogos, por sempre irmos na norte no lugar do povo, por queremos um esporte inclusivo e um flamengo de todos.

Agradeço aos meus professores da graduação Renata Summa, Márcio Scalercio, Cafred, Guilherme Costa, Luciana Badin, pelas aulas, pelos debates e pelos ensinamentos.

Agradeço ao meu orientador Sérgio Veloso que topou entrar nessa temática tão destoante do mainstream das relações internacionais e que proporcionou esse trabalho com um tema que eu me identifico tanto.

Por fim, um agradecimento ao meu falecido pai, Marcos, que não está mais aqui para ver esse trabalho, mas sei que está comigo. Obrigado por me fazer Flamengo, por me fazer amar esse esporte, por mesmo não estando aqui ser meu espelho. Você é parte de quem eu sou. Nosso amor pelo esporte e pela luta dele ser inclusivo continua e continuará.

A todos vocês, meu mais sinceros obrigado e agradecimentos. Cada um do seu jeito e da sua forma, me ajudou a compor esse trabalho.

Resumo:

“Tô sentindo isso na pele. Tenho um filho de 14 anos, flamenguista também, e ainda não consegui levar ele no Maracanã devido a essa sem-vergonhice que eles fizeram” essa é a fala de Reinaldo Reis, morador de um favela da zona sul do rio (BARROS; AFIUNE, 2013). O que o entrevistado para o artigo da Giulia Afiune e do Ciro Barros se refere quando fala “sem-vergonhice” é o aumento abusivo dos preços dos ingressos depois da reforma do Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã. Esse fenômeno é conhecido hoje como a elitização dos estádios, que não ocorre somente no estádio citado, mas em outros da cidade carioca, se tornam uma prática dos clubes.

Antes consagrados como templos da democracia e da expressão, sendo a representação do maior do exercício ao *direito à cidade* (Harvey,2015) , o Maracanã e os outros estádios da cidade do Rio de Janeiro (Engenhão - Estádio Nilton Santos e São Januário) que recebem as 4 maiores equipes da cidade, hoje se consolidam como um espaço de exceção e reprodução da lógica da cidade capitalista global.

Palavras chave: Maracanã, direito à cidade, cidade de exceção, ingressos, Rio de Janeiro, Engenhão, cotas de TV

Sumário:

Introdução.....	7
Capítulo 1: O direito à cidade e o direito ao estádio no Rio de Janeiro.....	10
1.1 Cidade de exceção x direito à cidade.....	10
1.2 Direito ao estádio.....	13
Capítulo 2: As transformações.....	15
2.1 Da copa de 50 até os anos 90.....	15
2.2 As mudanças que culminaram em 2014.....	17
2.3 As mudanças da bola.....	20
Capítulo 3: As evidências da segregação e suas novas formas.....	23
3.1 As evidências.....	23
3.2 As novas formas de segregação.....	27
Considerações finais.....	29
Anexo.....	31
Bibliografia.....	33

Introdução

“Tô sentindo isso na pele. Tenho um filho de 14 anos, flamenguista também, e ainda não consegui levar ele no Maracanã devido a essa sem-vergonhice que eles fizeram” essa é a fala de Reinaldo Reis, morador de um favela da zona sul do rio (BARROS; AFIUNE, 2013). O que o entrevistado para o artigo da Giulia Afiune e do Ciro Barros se refere quando fala “sem-vergonhice” é o aumento abusivo dos preços dos ingressos depois da reforma do Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã. Esse fenômeno é conhecido hoje como a elitização dos estádios, que não ocorre somente no Maracanã, mas em outros da cidade carioca, se tornando inclusive uma prática dos clubes.

Desse modo, este presente trabalho visa se aprofundar no debate do futebol por meio dos estádios e o direito que a população tem sobre ele. Esse embate relacionado ao *direito ao estádio* (Mascarenhas, 2019) é intrinsecamente ligado ao modelo de produção de cidade que se busca.

Com isso, se faz necessário analisar em um primeiro momento qual o modelo de cidade que se quer criar e produzir no Rio de Janeiro e com isso os embates que são colocados. Temos hoje a produção de uma cidade capitalista (Mascarenhas,2019) onde ocorrem diversos embates de ideias e visões acerca da produção daquele espaço e um deles é o conceito *cidade de exceção* (VAINER,2016) que produz uma segregação por parte do Estado em cima da população sob a ótica da apropriação cotidiana da burguesia dos elementos da cidade (Mascarenhas,2019).

Antes consagrados como templos da democracia e da expressão, sendo a representação do maior do exercício ao *direito à cidade* (Harvey,2015) , o Maracanã e os outros estádios da cidade do Rio de Janeiro (Engenhão - Estádio Nilton Santos e São Januários) que recebem as 4 maiores equipes da cidade, hoje se consolidam como um espaço de exceção e reprodução da lógica da cidade capitalista global.

Sendo assim, com esta monografia, visou mostrar os estádios de futebol mais importantes no cenário carioca, com um foco principal no Maracanã visto este ser um dos maiores objetos de estudos e importância na cidade e assim analisar como foi feito o processo de segregação da população nesses espaços e também como são feitos hoje em dia, partindo de uma visão da produção da cidade e dos preços de entradas e dos métodos praticados pelos clubes.

Para isso, os capítulos serão divididos da seguinte maneira em primeiro lugar colocarei os conceitos de cidade e do direito ao estádio visto que nessa esfera ocorrem embates conceituais e de representatividade tanto para este trabalho como para a cidade do Rio. No capítulo 2 as transformações ocorridas na cidade do Rio, principalmente do ponto de vista das reformas do Maracanã e da construção de novos espaços e o novo modelo de futebol, nesse ponto é necessário observar que essas mudanças estão correlacionadas. Por último, no capítulo 3 serão colocados as evidências desse processo de segregação e como ela é observada em valores numéricos e relatos de torcedores. Além disso, colocarei os novos meios de segregação praticados pelos clubes de futebol, como forma de reprodução da ideia de cidade, que não somente permanecem nos tickets e seus valores.

Todas essas transformações e disputas na produção de um conceito de cidade afetam diretamente o comportamento do torcedor e o seu modo de torcer Villela (2017), que é observada hoje nos estádios do Rio de Janeiro.

Por fim, considero importante destacar a importância dos estudos das cidades e dos seus fenômenos por partes das Relações Internacionais, observado o contexto da globalização, em que as cidades se apresentam como atores globais e brigam por investimentos externos assim como os Estados nacionais. No decorrer da graduação de Relações Internacionais, das tantas temáticas e problemáticas colocadas, o estudo das cidades se destacou sendo aquele que poderia encaixar minha paixão pelo futebol e minha angústia pelas transformações no mesmo. E é por

isso que a escolha de um campo ainda negligenciado pela dinâmica dos estudos globais e o seu encaixe com uma das minhas maiores paixões foi a motivação a escolha desta temática¹.

¹ Além da minha paixão pelo futebol, como ficou destacado, coloca-se a minha maior paixão no esporte, o Clube de Regatas do Flamengo do qual sou torcedor desde meu nascimento. Como frequentador dos jogos do Flamengo e do Maracanã, assim como outros estádios do Rio é claro para mim essa modificação do perfil do torcedor que é produto dessa nova concepção de cidade. Esse incômodo é essencial para a produção deste trabalho.

Capítulo 1: O direito à cidade e o direito ao estádio no Rio de Janeiro

1.1 Cidade de exceção x direito à cidade

O debate acerca do modelo de estádio, os valores que serão praticados e o público que irá frequentá-lo passa diretamente pelo debate de qual modelo de cidade se quer e será colocado em prática. Quando se trata do Rio de Janeiro, cuja é a cidade central deste presente trabalho, é notório observar os impactos dos megaeventos na produção do espaço, assim como a dicotomia do antigo para o novo projeto que se tem. Nesse embate, temos dois tempos diferentes, mas que ambos englobam eventos de magnitude global que foram cruciais para a produção do modelo de cidade que se tem hoje.

Para isso, primeiro falamos do mais atual, do modelo de *cidade de exceção* (Vainer,2016) que vem sendo um projeto consolidado desde 1993, com o primeiro mandato do prefeito César Maia. No governo de Maia foi elaborado o Plano Estratégico do Rio de Janeiro, que para Vainer (2000) é o marco fundador desse processo. E depois colocaremos o projeto que se tinha para a cidade quando ocorre a copa de 1950, fazendo assim um movimento temporal contrário.

Sabe-se que o Rio não sediou as Olimpíadas de 2004, sediadas em Atenas, mas o seu desejo para tal foi o marco inicial de uma virada de projeto de cidade que se tinha. Desse modo, temos um projeto de cidade global, como uma extensão do capitalismo, que também funcionando para a lógica do futebol, e irá disputar protagonismo com outras a fim de atrair mais capital privado. Sendo assim, a cidade passa a ser vista cada vez mais pelo Estado como um ambiente no qual se deva favorecer as ações do capital privado e assim segundo Vainer o planejamento urbano atual é marcado por uma maior flexibilidade (observada principalmente

no caso do Rio de Janeiro e do Maracanã) e voltada ao mercado, para atender seus desejos (Vainer,2016).

A *cidade de exceção* (Vainer,2016) observada hoje com muita frequência pela perda de atuação de diversos grupos em espaços antes celebrados é fruto direto desse processo consolidado da cidade neoliberal capitalista, com a burguesia controlando todo o processo e agindo de acordo com os seus interesses. Com isso, mesmo sabendo que esse processo como coloca Harvey (1996) estava sendo uma prerrogativa global nos anos 90 em países da esfera tardia do capitalismo é acelerada no caso carioca pelos megaeventos que vem a suceder.

No caso do futebol, houve um processo desde 1999, para chegar ao ponto atual, no qual irei me aprofundar no capítulo 2, mas que de antemão mostra que as pressões governamentais com um novo projeto de cidade, caracterizado pela exceção de Vainer (2016), foram postas em práticas.

Essas pressões no mundo da bola tiveram seu ápice em 2014 com a copa do mundo, que não encerra o ciclo de mudanças, mas para o esporte da bola redonda é aquele de maior transformação. O furor nacional com uma copa no território brasileiro, que não ocorria desde 1950, promoveu mudanças profundas no modo de torcer e frequentar o estádio na cidade do Rio de Janeiro que só seriam sentidas de fato pela massa no pós-copa, onde a cidade e o futebol viam os interesses dos capitais privados como algo mais importante.

Essas profundas mudanças ficam claras quando analisamos os dados do Comitê Popular da Copa e da Olimpíada do Rio de Janeiro (2015), que de 2009 - 2015 ocorreram 22.059 remoções totalizando 77.206 pessoas deslocadas, um maracanã inteiro de pessoas foram removidas de suas moradias. Essas remoções foram em prol das grandes obras da cidade para o recebimento da copa e das olimpíadas, mas o que se vê também é um favorecimento ao capital privado e um processo de higienização da cidade que se tratado para um micro espaço como o do estádio também ocorreu (Mascarenhas,2019). Esses dois processos de limpeza do pobre,

que é assim que deve ser chamado, atingiu o mesmo público, que no Maracanã eram os geraldinos e para cidade os favelados.

Esse processo que a cidade do Rio passou vai na contramão do que se vinha sendo produzido na cidade, principalmente após a copa de 1950, onde o Rio de Janeiro e assim por consequência nos estádios da cidade que seguia a cartilha de *direito a cidade* desenvolvida por Lefebvre e depois pelo britânico David Harvey.

Para Harvey (2012) o *direito à cidade* não é uma liberdade individual, mas um direito comum do exercício do poder coletivo, de moldar o processo e o espaço. Com isso, tanto para Harvey (2012) quanto para Lefebvre (1967) o *direito à cidade* (LEFEBVRE, 2015; HARVEY, 2012) é a visualização do espaço urbano como espaço de direito e construção coletiva.

A plenitude do *direito à cidade* (LEFEBVRE, 2015; HARVEY, 2012) se dá quando ocorre uma apropriação do espaço conhecido como cidade pelos cidadãos, fazendo com que ocorra uma reprodução politizada do meio (LEFEBVRE,2015). Esse modelo de cidade era observado no Maracanã até os anos 2000, quando as mudanças estruturais na cidade do Rio começam a ocorrer e a *cidade de exceção* (Vainer,2016) começa a entrar em prática.

Não pode-se deixar de lado que o Rio ao mesmo tempo que passou por esses dois modelos de produção de cidade, sendo o primeiro seguindo as linhas de Harvey e Lefebvre no que tange ao futebol de cidade democrática e inclusiva, onde todos poderiam pertencer a ela, e o segundo o que está vigente até o momento que é a *cidade de exceção* de Vainer temos espaços de resistência. Com isso, o carioca apesar de ver sua cidade caminhando para uma desigualdade maior encontra meios de resistência a isso, e o estádio do maracanã que era o elemento máximo de representação do *direito à cidade* (LEFEBVRE, 2015 ; HARVEY,2012), hoje vê como um espaço segregador e também de resistência. Como diz o historiador Luiz Antônio Simas no documentário Geraldinos de Pedro Asberg, o carioca “sabe fazer a festa na fresta”.

1.2 Direito ao estádio

Assim seguindo o conceito de *direito a cidade* de Harvey e Lefebvre, temos o *direito ao estádio* que apesar de abordado por muitos acadêmicos da bola, começa a ser amplamente falado por Gilmar Mascarenhas, culminando no seu artigo O direito ao Estádio em 2019 no Puntero Izquierdo e também reproduzido no Ludopédio².

O estádio de futebol é um local de produção e reprodução do urbano, um microcosmo dentro da sociedade (Mascarenhas,2019). Além disso, o estádio - muitas vezes colocado como um templo sagrado - poderia ser visto como uma forma da manifestação do descontentamento com a sociedade, da expressão, do livre embate entre as classes e os problemas na reprodução da lógica urbana, como mostra o documentário Geraldinos de Pedro Asberg, sendo o ápice do *direito à cidade* de Lefebvre.

Entretanto, podemos observar no Brasil e mais precisamente no Rio de Janeiro um processo que Gaffney (2006) expõe que é a redução da capacidade desses ambientes, em outras palavras, reformas e mudanças no conceito de cidade, passando para uma cidade capitalista neoliberal onde o espaço de confrontos é vencido pela burguesia que buscam nesse espaço recuperar o que no começo da história do futebol brasileiro³ e mundial eram deles (Mascarenhas,2019).

O até então *direito ao estádio* (Mascarenhas,2019) calcado na celebração de *direito à cidade* Lefebvre e Harvey no qual aquele espaço seria de todos, pois assim foi a construção social do futebol no Rio de Janeiro a partir dos anos 50 com os grandes estádios, com a

² Ludopédio é o maior repositório de artigos, reportagens e conteúdos acadêmicos acerca do futebol da América Latina.

³ O futebol brasileiro possuiu diversos embates sobre a sua origem, se começou no Rio ou em São Paulo, mas o que se tem de comum nas duas narrativas é de como ele chegou às terras tupiniquins. O jogo veio por meio de filhos das mais altas classes cariocas e paulistas, que fizeram intercâmbio na Inglaterra e trouxeram para cá o jogo, com o manual, as chuteiras e as bolas. O esporte então era praticado pelas elites do Brasil até ser popularizado.

expressão máxima no Maracanã, local de reunião de todas as comunidades e povos da cidade carioca que passaram por inúmeras remoções⁴ sem a distinção entre tais, unidas pela paixão (Mascarenhas,2018) deu lugar no século 21 a concepção de exceção, abordada na introdução, que passava toda a cidade e atingiu o estádio de futebol por consequência.

Sendo assim, o estádio como elemento central da cultura carioca e palco dos eventos que a cidade busca promover é diretamente afetado por essas políticas na construção de uma nova cidade, a *cidade de exceção* (Vainer, 2016). As reformas que o Maracanã passou, a construção de um novo estádio na cidade para o PAN 2007 e o novo modelo neoliberal de negócios do futebol contribuíram para o *spin-off* da *cidade de exceção* (Vainer,2016) para o mundo da bola, com ingressos altíssimos, uma higienização dos estádios e até novas políticas de segregação.

⁴ Pereira Passos a mais recente dessa época de 1950

Capítulo 2: As transformações

Antes de entrarmos a fundo nas evidências e nos valores praticados pelos clubes cariocas nos últimos anos, faz-se necessário analisar as transformações ocorridas no Rio de Janeiro e no mundo da bola.

Para isso, este capítulo ficará dividido em 3 partes: a primeira versará sobre as transformações ocorridas no Rio de Janeiro no que tange o espectro futebolístico até os anos 1990, a segunda abordará as transformações da cidade até a copa de 14 e por consequência PAN e olimpíadas e a terceira e última parte será sobre o mundo do futebol e as suas transformações que implicam a chegar no cenário que será mostrado no capítulo 3.

2.1 Da copa de 50 até os anos 90

O Brasil, e por consequência o Rio de Janeiro, foram escolhidos para sediar a copa do mundo de 1950. Essa escolha se deu visto a falta de interesse dos outros países, principalmente os europeus, que estavam focados em reparar os estragos físicos e econômicos da guerra⁵. Outro motivo, seria a necessidade geopolítica de retomar a Copa do Mundo em um país sul-americano (Franzini,2010).

Dessa forma, se fez necessário a construção de um estádio no Rio de Janeiro. Não era observado pelos políticos da época o aproveitamento ou uma reforma do estádio do Clube Vasco da Gama⁶ e por isso foi escolhido a construção de um novo estádio (DEL RIO ANDRADE, 2013) que viria a ser símbolo da cidade carioca, o Maracanã.

⁵ Depois do intervalo provocado pela Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo voltou a ser realizada. Com a Europa destruída pelo conflito, o Brasil foi o único candidato a sediar a competição. Para celebrar o ato, o país construiu o maior estádio do mundo, o Maracanã, no Rio de Janeiro, inaugurado na partida entre Brasil e México, vencida pelos brasileiros por 4 a 0. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/linhadotempo/epocas/1950/brasil-selecao-campea-uruguai>, acessado em 20/06/2013

⁶ O estádio de São Januário, tão importante na Era Vargas, não o escolhido para a ocasião visto a busca por algo novo e imponente para a cidade do Rio.

Para a construção do novo estádio houve diversos embates políticos⁷ na época, entre Carlos Lacerda e Mário Filho e o principal de tudo eram o conceito e o local de construção do estádio (DE MELO; CID, 2019). Lacerda, um dos principais deputados da oposição, queria a construção do então futuro Estádio Nacional do Rio de Janeiro - que se tornaria o Maracanã - na zona oeste da cidade, onde ele buscava uma expansão da fronteira urbana carioca, enquanto Mário Filho, no *Jornal dos Sports*, defendia que o Estádio deveria ser construído na zona central da cidade, onde ficava o então fechado Derby Club. (DE MELO; CID, 2019)

Além disso, a frente defendida pelo jornalista Mário Filho, que então iria ser homenageado nomeando futuramente o estádio, defendia que o projeto deveria ser grandioso e inclusivo, para a celebração das massas e da força do Brasil⁸. Enquanto Lacerda buscava algo para mudar a fronteira do Rio, um novo espaço urbano de gentrificação para o crescimento (DE MELO; CID, 2019). Sabe-se que a proposta vencedora foi aquela que celebrava a democracia, a multidão e englobava o conceito de *direito à cidade* (LEFEBVRE, 2015 ; HARVEY,2012), onde o estádio seria a celebração da construção de um novo Rio de Janeiro, mais incluso e para todos (DE MELO; CID, 2019).

Dessa forma, o que se produziu na época era a visão que se tinha do estádio de futebol como um agrupamento das massas (DEL RIO ANDRADE, 2013), um encontro de religiões, crenças, classes e cores, que se uniam na paixão do esporte para vibrar juntos.

O estádio do maracanã foi só considerado pronto em 1965, mas desde a sua construção era conhecido como o templo das massas, da geral e das festas, como mostra o documentário *Geraldinos de Pedro Asberg*. Com o ingresso barato, aquele era o local que as pessoas podiam no final de semana ir se divertir, extravasar e unir sua paixão, não sendo segregadas como no

⁷ Para saber mais sobre os embates políticos da construção do Maracanã procurar o artigo “Vida e morte do Maracanã: a batalha do estádio em dois atos”

⁸ Rio de Janeiro ainda é a capital federal na época da construção e inauguração do Estádio Nacional do Rio de Janeiro.

dia a dia. Era também de fácil acesso, como ainda é hoje, podia se chegar de ônibus e trem, dada a sua posição central na cidade carioca.

Desse modo, tanto no Maracanã (templo das massas) como em São Januário, o outro estádio da cidade do Rio de Janeiro que detém relevância, o acesso era para todos, com valores acessíveis a população da época e visando aquele espaço ser democrático e celebrando as diferenças, ou seja, o exercício do *direito à cidade* (LEFEBVRE, 2015 ; HARVEY,2012).

Esse cenário de união, democracia e festa foi observado até o ano de 1990, que será abordado mais a fundo no próximo tópico, onde tanto o conceito de cidade, quanto da função do estádio é modificada.

2.2 As mudanças que culminaram em 2014

O cenário colocado no tópico anterior começa a mudar no mundo todo a partir da década de 80, com reformas nos estádios em todo mundo⁹, visando diminuir a capacidade dos estádios buscando aumentar o “espetáculo” (DEL RIO ANDRADE, 2013). Essa substituição do modelo como coloca Del Rio foi também responsável pela substituição do estilo do público que frequenta os estádios.

Essas mudanças ocorridas na década de 80 no mundo chegaram ao Brasil mais de uma década depois, no final dos anos 90. No Rio de Janeiro, nossa cidade objeto de estudo neste trabalho, esse processo começou a ser idealizado e pensado com o então prefeito César Maia¹⁰ com a elaboração do projeto para a cidade do Rio concorrer às Olimpíadas de Atenas (DE MELO; CID, 2019). Visto que o Rio não é escolhido para esse processo, algumas das mudanças

⁹ Catalisado pelo governo de Thatcher e pelos incidentes ocorridos com torcidas na Inglaterra, esse movimento de grandes estádio e acessível para todos perdem força. O Relatório Taylor, feito sobre a tragédia de Hillsborough, serviu para a primeira ministra britânica começar então o seu projeto de mudança dos estádios e de segregação dos pobres.

¹⁰ Nesse artigo do Jornal O Globo se pode conferir mais sobre os projetos do Rio 2004, que não é esfera do debate neste presente projeto. <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/20-anos-depois-candidatura-rio-2004-tinha-fundao-como-eixo-esportivo-18914575>>

que seriam feitas para 2004 foram congeladas. Dessa forma, todo o processo que irá suceder nos próximos anos faz parte do “empreendedorismo urbano” (Harvey,1996) que começa com a vitória de César Maia, como falado, e culmina na copa de 14.

Entretanto, em 1999, a cidade do Rio de Janeiro é escolhida para sediar o mundial de clubes da FIFA¹¹ e para isso era necessário passar por uma reforma. No ano de 1999 o estádio do Maracanã recebeu pela última vez mais de 100 mil torcedores - 101.581¹² para um Botafogo x Juventude - (DEL RIO ANDRADE, 2013). Essa primeira reforma como aponta Del Rio foi uma das primeiras mortes do maracanã nos preços populares com a colocação de assentos individuais no anel superior.

Mais a frente, nos anos seguintes, ainda perseguindo o sonho de sediar algum dos dois maiores eventos do esporte mundial (Copa e Olimpíadas) a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida para ser sede dos Jogos Pan-Americanas de 2007.

Para isso, o estádio do Maracanã¹³ ficou fechado do ano de 2005 até janeiro de 2006 para receber as obras de adequação que visavam os jogos. Foi nessa reforma que a “magia” do Maracanã acabou e para muitos, como mostram os documentários “Geraldinos” e “O maraca é nosso?”, o Estádio Jornalista Mário Filho - O Maracanã - palco de diversos embates históricos e mitológicos morreu.

No ano de 2005 a geral¹⁴ acabou. O setor icônico do estádio foi demolido para a instalação de cadeiras que mudariam mais uma vez como ele era visto e utilizado pela população. Além disso, o gramado foi rebaixado e novos telões instalados, chegando enfim na era do futebol moderno (DEL RIO ANDRADE, 2013).

¹¹ Federação Internacional de Futebol

¹² Sobre o jogo confereir em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/saudade-dos-100-mil-botafogo-juventude-de-1999-ultimo-grande-publico-do-maracana-23574654>>

¹³ Lembrando que o foco deste trabalho recai sobre o futebol, então as outras alterações na cidade apesar de terem impacto não serão analisadas com a profundidade que são feitas por outros estudos.

¹⁴ A geral era o setor mais barato e democrático do estádio do maracanã, onde ocorriam os encontros das massas e a celebração do direito à cidade abordado neste trabalho.

O fim da geral, como expõe do documentário Geraldinos e também os curta-metragens documentais “Geral” e o “O maraca é nosso?”, encerra de vez o ciclo mais democrático do estádio de futebol que agora, além da sua capacidade reduzida é possível passar a ouvir frases pela cidade do Rio como esse relato do Zé Luiz, que foi geraldino sua vida toda: “Eles querem tirar o pobre de tudo quanto é lugar. Já tiraram da praia e agora vão tirar do maracanã” (Geraldinos, 2015).

Outra passagem que destaca bastante esse momento, que é o mais simbólico no fim de um projeto de estádio e futebol, é o do atual deputado federal Marcelo Freixo, que no minuto 40 do documentário Geraldinos coloca “O lugar do geraldino é no pay-per-view, no subúrbio, longe disso, longe da cidade espetáculo que é o Rio”.

Além disso, o Pan trouxe para a cena carioca um novo estádio o Engenhão, que atualmente é chamado de Nilton Santos em homenagem ao ex-jogador do Botafogo, clube que administra o estádio. De acordo com o Comitê popular da Copa e Olimpíadas, esse empreendimento custou cerca de 380 milhões de reais aos cofres públicos e mesmo assim passou por problemas estruturais¹⁵. Tendo tudo para ser um estádio mais acessível em questão financeira que o maracanã, não foi isso o observado, como veremos no capítulo 3 as evidências e no ponto 2.3 os motivos para tal.

O golpe final de todo esse processo de descaracterização¹⁶ veio com a copa de 2014 e as reformas que foram instituídas para aquele momento. O estádio do Maracanã foi escolhido para ser uma das sedes da competição e também seria o palco da grande final da Copa do Mundo, como era assim chamado pela mídia da época.

¹⁵ A marquise do estádio teve que ser reformada como mostra essa materia <<http://globoesporte.globo.com/rj/futebol/campeonato-carioca/noticia/2013/04/conheca-os-bastidores-estruturais-do-engenhao.html>>

¹⁶ Cabe mencionar aqui que em todos os textos da bibliografia que relatam o maracanã como objetivo único de estudo destacam que as duas últimas reformas são quebras da lei, visto que o Estádio era/é um patrimônio imaterial e cultural da cidade pelo IPHAN e assim não podendo ser demolido ou ter suas estruturas claramente modificadas.

A reforma do estádio como indica Del Rio Andrade (2013) mudou toda estrutura do estádio. As marquises que eram ícones do estádio saíram, a separação entre as cadeias (antiga geral) e as arquibancadas também acabaram, promovendo uma arenização do maracanã. Como retrata Lúcio de Castro, jornalista nessa passagem:

Pois eles conseguiram. O Maracanã agora é igual a outros tantos. Não chamem aquilo lá de Maracanã, por favor. Chamarei de Estádio Justo Veríssimo, aquele personagem do Chico Anísio que defendia a morte dos pobres, —quero que pobre se exploda, dizia ele. É esse o novo espírito do monstrengo moderno que conceberam. Inócuo, um dragão que não cospe mais. Mataram o meu Maracanã, amor de toda uma vida¹⁷.

Todas essa mudanças, fez com que o novo estádio atendesse aos padrões da FIFA, tivesse mais camarotes e áreas VIP's, além da tentativa de cadeiras numeradas com lugares marcados para a reprodução da lógica de futebol europeu no Brasil. Uma lógica fria, tecnocrata e cruel, como expõe Pedro Asberg em Geraldinos.

Dessa forma, concluímos os ciclos de mudanças físicas e também de público do maracanã, que veremos seus impactos no capítulo 3

2.3 As mudanças do mundo da bola

Não podemos adentrar o próximo capítulo para tratar das evidências que corroboram o processo de segregação nos estádios, sem antes analisar uma das variáveis mais importantes

¹⁷Lúcio de Castro. ESPN.com.br. Disponível em<http://www.espn.com.br/post/326086_mataram-meu-maracana-podem-chamar-de-estadio-justo-verissimo>.

desse processo que é a evolução do mundo do futebol, principalmente no que tange às receitas, de onde elas vem e a sua importância atual para o jogo.

Assim como o processo ocorrido nas cidades, os clubes de futebol também passaram por transformações. No contexto analisado, o mais relevante e impactante são as fontes de renda dos clubes. Como destaca Sondall (2013) as receitas dos clubes mudaram, o que antes era advindo da venda de ingressos em primeiro lugar e depois de outras receitas menores, como também expõe Jonathan Clegg e Joshua Robinson em seu livro sobre a Premier League, agora vem da venda dos direitos televisivos, transferências de jogadores e grandes patrocinadores.

Para que todo esse processo se torne vantajoso era necessário reformas nos estádios e mudanças no perfil do torcedor como expõe Gaffney e Mascarenhas (2006) que as pessoas que frequentavam deixavam o espetáculo menos valoroso e assim a “higienização” do estádio com a resignificação do espaço (Mascarenhas, 2019) era necessária.

Desse modo, esse processo que começou na Inglaterra (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2006) e também atingiu o Brasil temos a modificação do público como algo relevante para os clubes, visto que a mudança do perfil dos torcedores atende ao que as redes televisivas desejam para suas transmissões que hoje são a maior fonte de renda dos clubes.

Dessa forma, os clubes não são atores isentos nessa transformação ocorrida no futebol brasileiro quando se trata do aumento dos preços dos ingressos, que é o catalisador primário da segregação nesses espaços. Esse movimento se dá pois, segundo Gaffney, a venda de ingressos representa apenas 6,8% da arrecadação e assim não valoriza os torcedores, tendo-os apenas como consumidores. Visando um maior lucro e também buscando um aumento das cotas de TV, os clubes optam por aumentar esses valores que em vez de beneficiar seus torcedores abrangendo uma maior parte da torcida, segregam ainda mais.

Corroborando esse argumento do papel dos clubes o antropólogo Antônio Oswaldo Cruz, da UFRJ, afirma em entrevista para Ciro Barros e Giulia Afiune da Agência Pública que “ A televisão exige que o futebol seja entregue em um pacote. O futebol tem que seguir uma série de regras e ser transformado em produto. [...] Esse modelo foi exportado pelos ingleses para o resto do mundo, assim como as finanças do futebol atreladas a tv.” (BARROS; AFIUNE, 2013). Ainda visando corroborar sua argumentação e dar mais peso ainda aos número de Gaffney, o antropólogo afirma que que as receitas dos clubes da série A do campeonato brasileiro - e aqui entram os 4 grandes¹⁸ do Rio - 37,3% advém das cotas de TV, seguidos pelo marketing com 17,1% e a venda de jogadores com 14,7% (BARROS; AFIUNE, 2013).

Esses dados acima mostram e corroboram que os clubes de futebol também são aliados daqueles que tem um projeto de cidade excludente, pois visam o lucro e o mercado e deixam de lado o carinho e a paixão do torcedor. Esse é o futebol moderno.

¹⁸ Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo

Capítulo 3: As evidências da segregação e suas novas formas

Visando corroborar o processo exposto até aqui de segregação no espaço do estádio de futebol por meio de uma política de *cidade de exceção* (Vanier,2016) no Rio de Janeiro se faz necessário expor os dados obtidos através dos borderôs dos jogos por meio da CBF¹⁹.

Ademais, cabe ressaltar que os anos dos dados obtidos abaixo e tratam dos preços dos ingressos são de 2012 até 2019, visto que eram os únicos disponibilizados²⁰ pela CBF.

Para isso, este capítulo será dividido em 2 partes. A primeira delas buscará expor os números, dados e gráficos obtidos ao longo da construção e pesquisa desde trabalho visando corroborar a narrativa da segregação nos estádios e o segundo ponto irá trazer ao debate novos meios de segregação do futebol, fomentado principalmente pelos clubes.

3.1 As evidências

Para corroborar assim tudo exposto acima, os dados obtidos no com a CBF sobre o campeonato brasileiro²¹ foram cruciais para a análise. Além disso, matérias e artigos reproduzidos no ludopédio, a principal base de artigos para esse trabalho foram de suma importância para o entendimento do cenário, assim como os relatórios do observatório da copa e olimpíadas.

A primeira evidência que mostra esse processo de segregação é o peso do ingresso no salário mínimo. Um estudo feito pelo pesquisador Erick Onema de Oxford e reproduzido²² pela Agência Pública sob o comando de Ciro Barros e Giulia Afiune mostra que em 1950 - ano da

¹⁹ Confederação Brasileira de Futebol

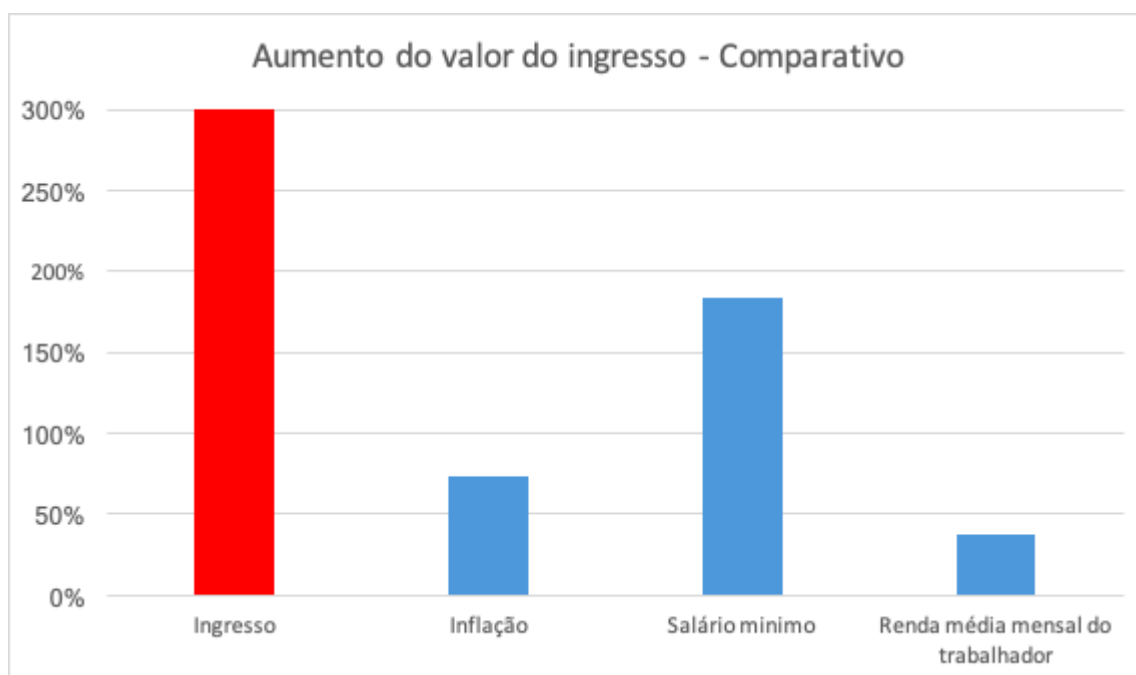
²⁰ Mais um problema do futebol brasileiro que é a transparência e facilidade da obtenção dos dados.

²¹ A escolha da competição do campeonato brasileiro para a análise aqui foi feita por dois motivos: o primeiro é a competição com maior número jogos no ano e em segundo a sua importância. Por ter um número maior de jogos e ocupar uma parte maior do calendário ela é a competição mais importante de clubes do país.

²² Este relatório foi publicado originalmente pelo jornalista Mauro Cezar Pereira da ESPN.

primeira copa e da busca do conceito de cidade democrática - o ingresso²³ representava 2%, já em 2010 o ticket mais barato representava 6% e logo 3 anos depois esse valor dobrou para 12% em 2013. Além disso, dados da Pluri consultoria revelam que entre 2003 e 2013 a média do ingresso, em todo brasil, subiu 300% enquanto a inflação do período foi de 73%, também maior que o salário mínimo (183%) e da renda mensal do trabalhador (37%), conforme mostra o gráfico abaixo.

Figura 1: Comparativo dos valores do ingresso no campeonato brasileiro com números da economia real (2003 - 2013)

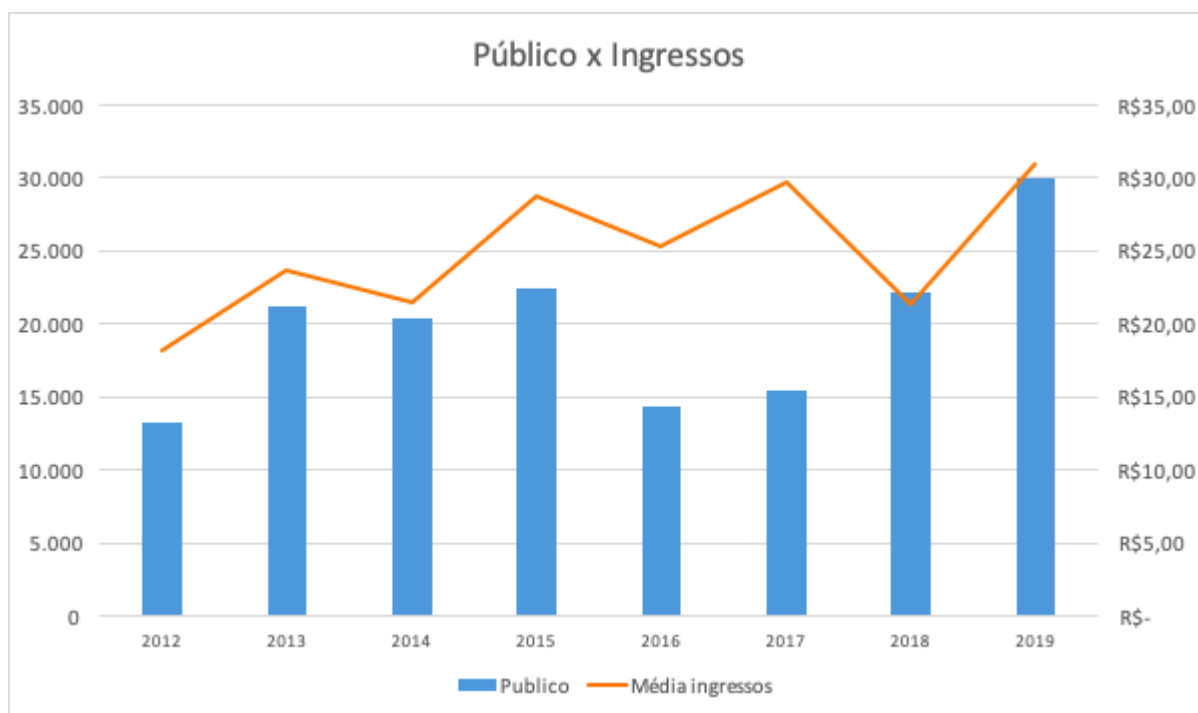


Fonte: Pluri Consultoria

“O valor do ingresso elitizou o público dos estádios”, essa frase é ouvida no curta-metragem documental “O maraca é nosso?” e além disso, diminuiu a quantidade de torcedores que frequentam aquele ambiente, visto o aumento espantoso nos valores como mostra o gráfico abaixo.

²³ Estes valores correspondem a cidade do Rio de Janeiro

Figura 2: Média dos valores do ingressos e de público no Rio de Janeiro entre 2012 e 2019



Fonte: CBF

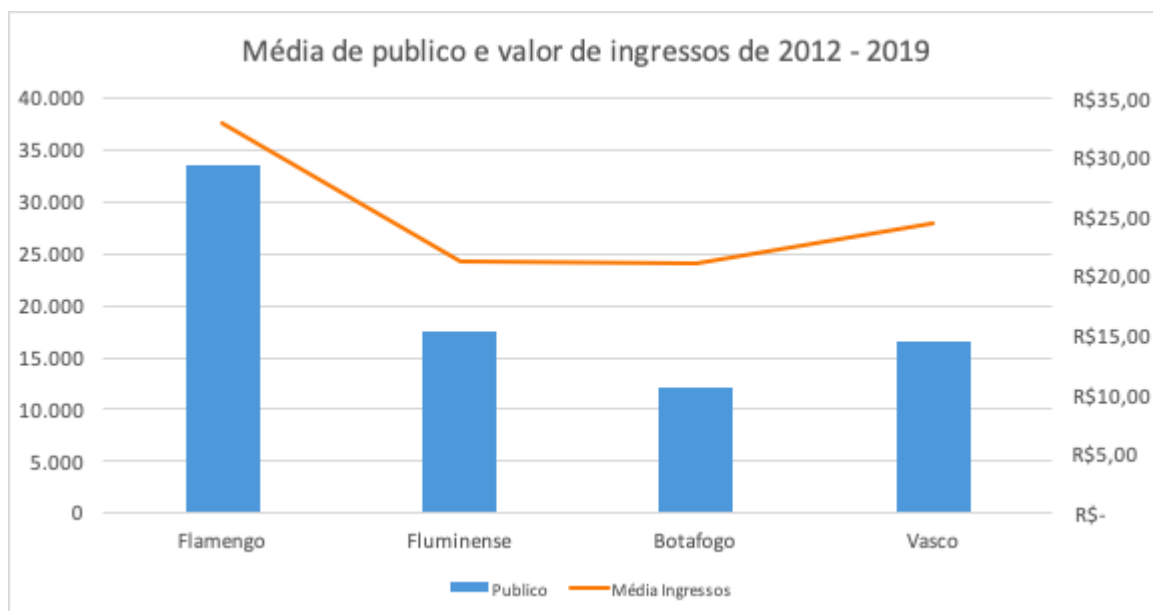
Esse dado acima mostra a ocorrência de um aumento dos valores dos ingressos paulatinamente, apesar das quedas que ocorreram em 2014 (ano em que os clubes jogaram pouco na cidade do Rio devido a copa) e em 2018. Ademais, é observado neste gráfico um público muito alto no ano de 2019, mesmo com os valores mais altos que os outros anos, esse movimento se explica pelo fato do momento vivido pelo Clube de Regatas do Flamengo²⁴. Quando observamos um comparativo²⁵ entre os clubes, como o abaixo, o cenário é diferente.

Vemos aqui o maior clube com o valor mais alto, mas esse processo foi explicado acima, enquanto os outros clubes da cidade mantêm valores altos para as entradas dos seus respectivos jogos, mas com um público muito pequeno.

Figura 3: Médias de público e valor do ingresso por clube entre 2012 e 2019

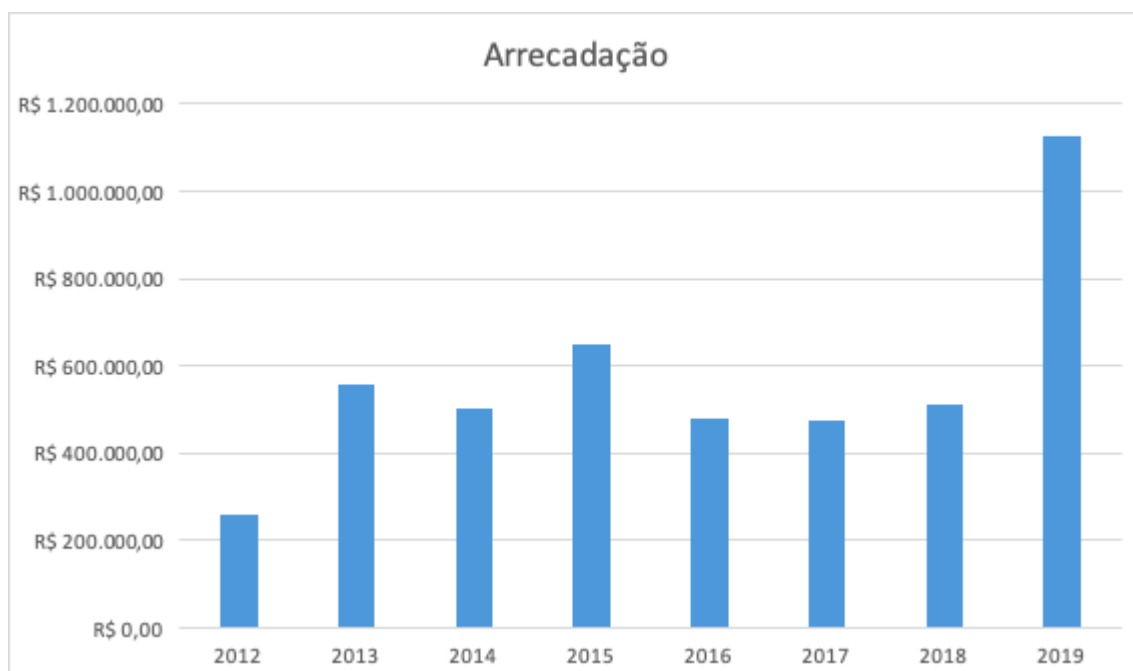
²⁴ No ano de 2019, o Flamengo conseguiu montar um elenco muito forte e assim disputar o título do campeonato brasileiro e por isso seu público é alto, o momento esportivo conta muito aqui.

²⁵ No anexo poderá consultar os dados abertos por clube de 2012 - 2019.



Fonte: CBF

Figura 4: Média de arrecadação nos últimos 7 anos (2012-2019)



Fonte: CBF

Todos os valores, números e dados colocados acima corroboram o ponto de vista apresentado nesse trabalho de que o preço do ingresso segrega as pessoas, diminui o público frequentador e mesmo que a renda tenha um aumento com o passar do tempo, como evidenciam

os dados, o público não é mais o mesmo que das épocas onde observava-se a celebração do *direito à cidade* (LEFEBVRE, 2015; HARVEY, 2012) onde os geraldinos ditavam a cara do estádio (Geraldinos, Pedro Asberg).

Além do gasto com o ingresso, o torcedor tem que ir para o estádio em uma cidade que o aumento da passagem é desproporcional, tanto ao serviço oferecido, como quanto a inflação (COMITÊ POPULAR DA COPA E DA OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO, 2015), os valores praticados para comida são ainda maiores e tudo isso somado ao ingresso caro, coloca o conceito de Vainer (2016) de *cidade de exceção* ainda mais forte.

Com isso, quem tem direito a ver o jogo? Um torcedor carioca responde essa pergunta no documentário curta-metragem “O maraca é nosso?”, “O cara não tem direito de ver o jogo, só o bacana”.

3.2 As novas formas de segregação

Não é somente com ingressos caros que o acesso ao jogo de futebol no estádio segrega os torcedores fiéis e apaixonados por aquele determinado clube. Hoje temos diversas outras fontes e meios de acesso para se assistir a um jogo, seja na tv ou no estádio.

No estádio essa nova forma de segregação se dá por meio dos planos de sócio torcedores, privando ainda mais aquela pessoa pobre ou com menos capacidade financeira de ir ao jogo. Retomando novamente uma passagem do curta “O maraca é nosso?” o torcedor do flamengo, time na ocasião que estava jogando, pagou no ingresso mais barato cerca de R\$ 150 para ir a uma partida e isso só foi possível pelo fato dele contribuir com o clube com o sócio torcedor²⁶, caso não o fosse seria mais de R\$ 350 para a partida.

Ou seja, a *cidade de exceção* (Vainer, 2016) que já cria diversos obstáculos para o seu cidadão frequentar o estádio como reformá-los e assim encarecer os valores e acabar com

²⁶ Nesta modalidade varia de clube para clube os valores, os benefícios e os direitos dos pagantes.

setores populares, transporte caro, remoções de casas²⁷, tem nos clubes mais um aliado para segregar o indesejado, o pobre, que usava aquele espaço para confraternizar e se expressar.

O outro meio de segregação, mas não forte e evidente como esse dos valores dos ingressos, é relatado por Marcelo Freixo no documentário Geraldinos de Pedro Asberg é o pay-per-view. O PPV funciona de uma maneira que se paga uma mensalidade e tem acesso para assistir os jogos na TV. Entretanto, o valor de um produto como esse gira em mais de 70/80 reais por mês o que por muitas vezes não pode ser pago por quem, por exemplo ia na geral do maracanã.

Dessa forma, o PPV, além de privar o torcedor de ver o jogo é usado também como mecanismos para afastá-lo do estádio, mantendo assim a higienização (Mascarenhas,2019) já proferida pelo Estado no estádio.

²⁷ Tema não abordado a fundo neste trabalho, mas que os torcedores de diversos times que moravam mais perto dos jogos foram removidos para outros lugares impossibilitando assim o acesso fácil e rápido aos estádios.

Considerações finais

Portanto pode-se concluir por meio da análise dos dados apresentados, das mudanças que a cidade do Rio de Janeiro passou e por fim dá sustentação teórica dos conceitos de Vainer (2016) e dos pensamentos de Harvey e Lefebvre que o processo que a cidade carioca passou foi da reprodução do neoliberalismo, da *cidade de exceção* e por consequência da exclusão dos pobres e pensamento somente voltado para o capital. Dessa forma, vemos que o Rio foi transformado em uma cidade commodity por aqueles que a governam.

No futebol isso não fica diferente, as mudanças realizadas nos estádios e as práticas dos clubes de futebol seguindo o “padrão europeu” fizeram por alienar, excluir e segregar cada vez mais aquele torcedor que nas décadas de 60-80 frequentavam o espaço hoje não são mais bem vindos.

Não são mais bem vindos porque não consomem como devem - por não ter a condição financeira que se deve -, por não se comportarem como o clube deseja e até pior por não terem o perfil de pessoa que o clube quer, visto que observam esse “perfil indesejado” atrapalha a transmissão televisiva e também diminui os seu valor.

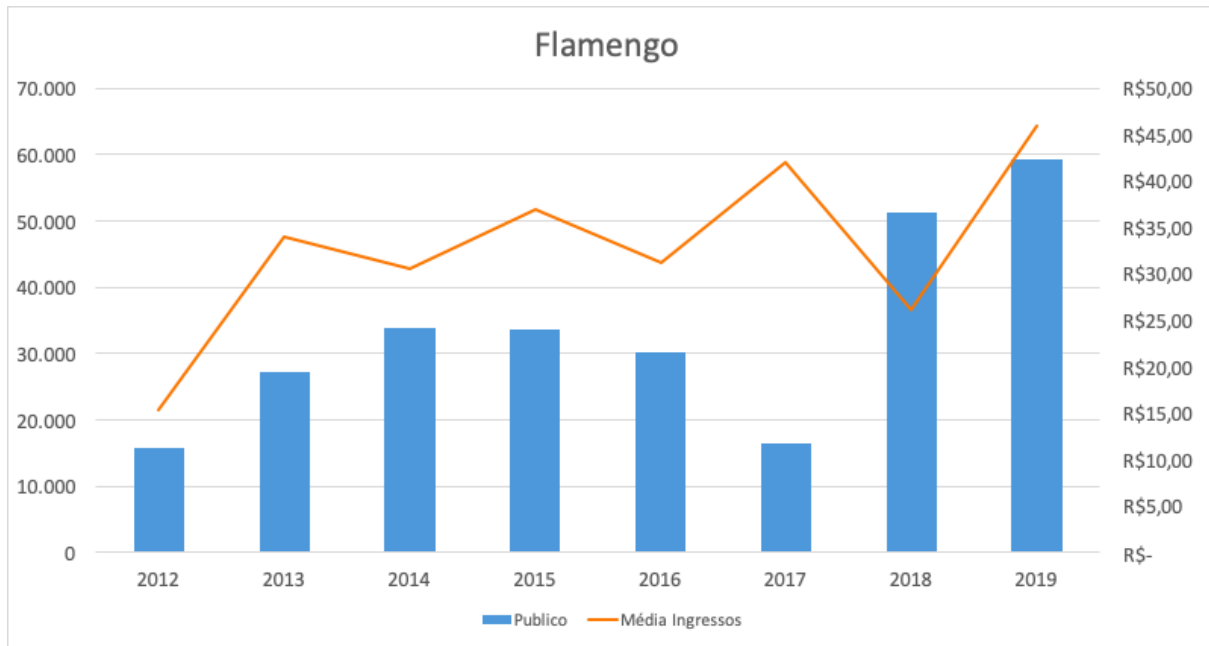
Para isso fica o questionamento: Futebol, estádio para quem? Certamente não é para o pobre, para o favelado, para aquele que batalha todo dia para ganhar o sustento. Assim como essas pessoas são marginalizadas e esquecidas pelo Estado, pela cidade, o mesmo acontece no único ambiente em que antes eram vistas, o futebol.

Mas se espera que isso não acabe assim, que a história não fique por essa. Existem movimentos como o “Flamengo da Gente”, movimentos de torcedores que lutam por ingressos mais acessíveis e que protestam como mostram os documentários assistidos para a produção deste trabalho. Mas mais que isso, o carioca não abaixa a cabeça. Ele vai fazer a festa na fresta

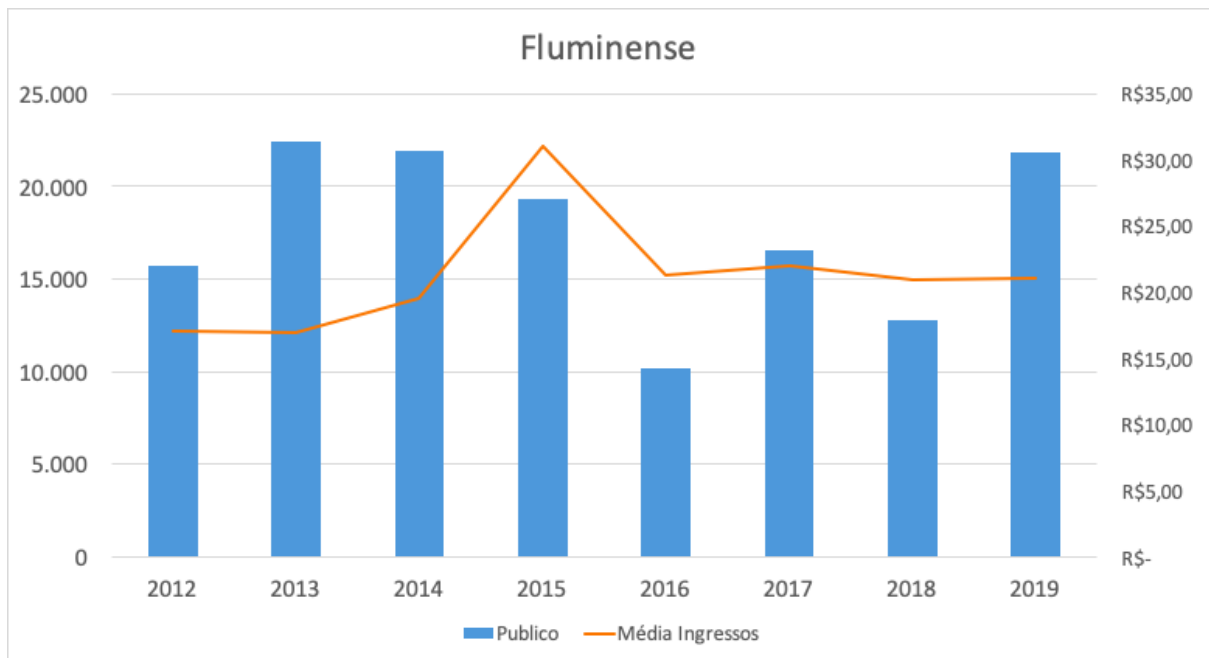
como diz o historiador Luiz Antônio Simas, ele vai lutar pelo seu espaço de volta como diz Lúcio de Castro e tantos outros jornalistas.

Por fim, numa afirmação pessoal e com profundo sentimento, o maraca não será deles.

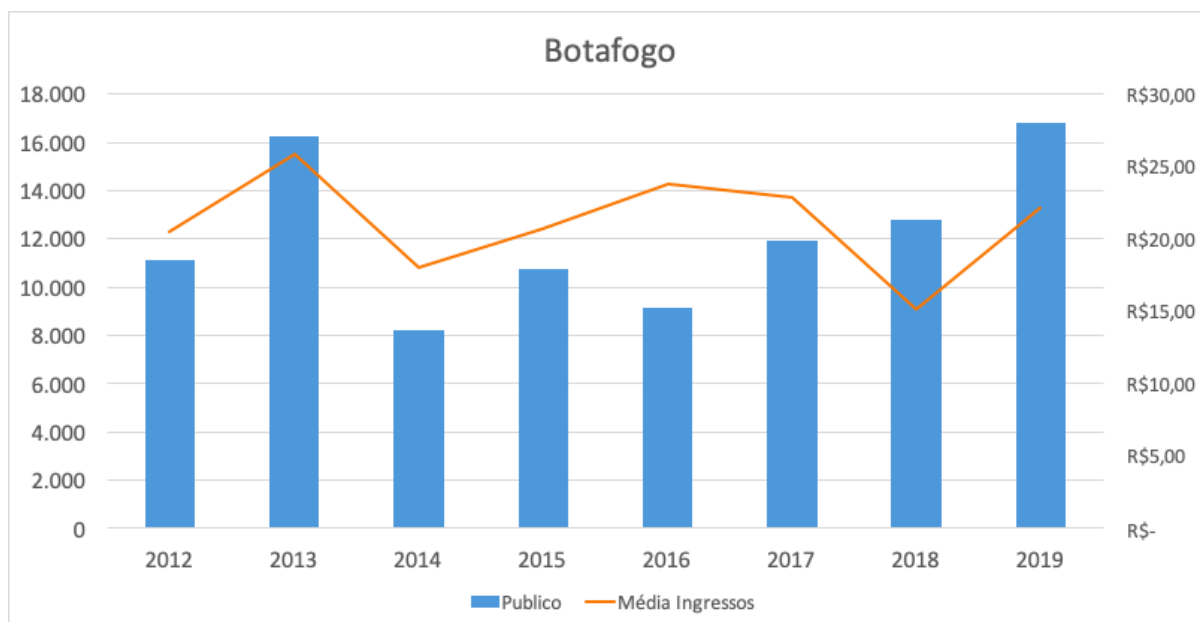
Anexo



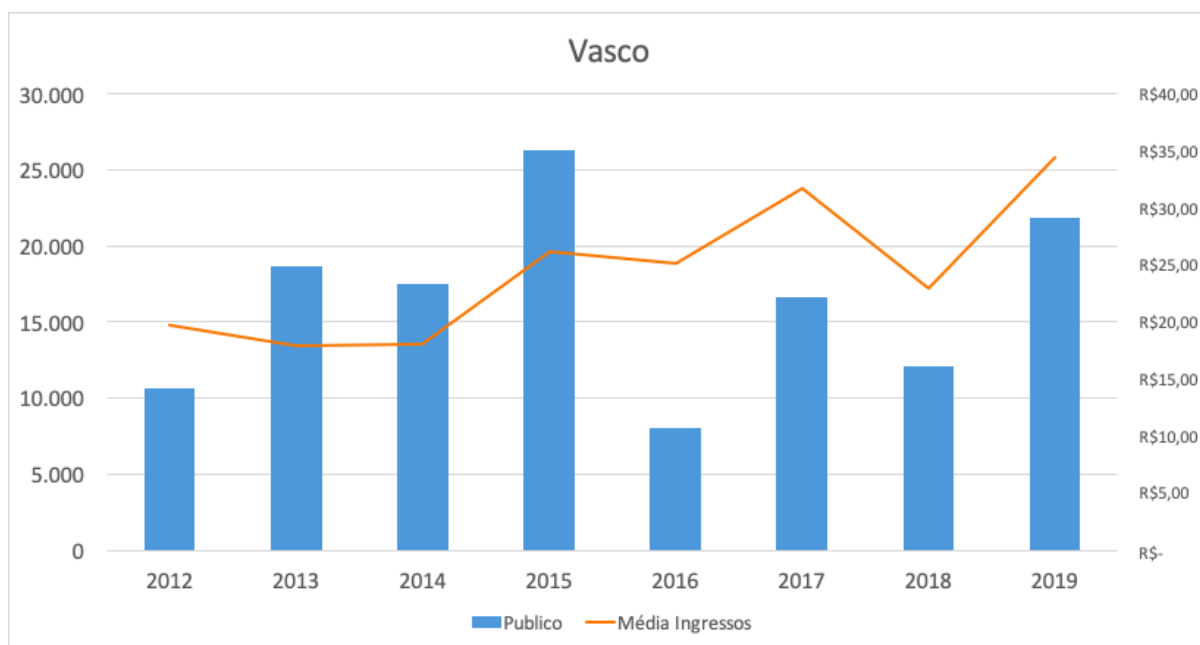
Fonte: CBF



Fonte: CBF



Fonte: CBF



Fonte: CBF

Bibliografia

ALVITO, Marcos. MARACANÃ,: nascimento vida e morte em sete atos. Ludopédio, [S. l.], p. 1-12, 20 jul. 2015. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/maracana-nascimento-vida-e-morte-em-sete-atos/>. Acesso em: 14 jun. 2020

BARROS, Ciro; AFIUNE, Giulia. **Estádio só pra rico?**. 4 set. 2013. Megaeventos,p.1-15.Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/estadio-so-pra-rico/>. Acesso em: 16 jun. 2020

Base de dados: < <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-serie-a> >

COMITÊ POPULAR DA COPA E DA OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO. Megaeventos e Violações de Direitos Humanos no Rio de Janeiro: Rio 2016, Os Jogos da Exclusão. Rio de Janeiro: [s.n.], 2015.

COMITÊ POPULAR DA COPA E DAS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO. Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: [s.n.], 2014.

CLEGG, Jonathan; ROBINSON, Joshua. **The Club: how the premier league became the richest, most disruptive business in sport**. Londres: John Murray, 2018. 352 p.

DEL RIO ANDRADE, FRANCISCO EDUARDO. **MARACANÃ 1948 - 2014: ESTUDO DE CASO DO EX-MAIOR ESTÁDIO DO MUNDO**. Orientador: JOÃO M. C. MALAIA S. 2013. 44 p. TCC (PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ESPORTES) - UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO, São Paulo, 2013.

DE MELO, Erick Silva Omena; CID, Gabriel da Silva Vidal. Vida e morte do Maracanã: a batalha do estádio em dois atos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, ed. 66, p. 695-719, setembro-dezembro 2019. <<https://doi.org/10.1590/s2178-14942019000300008>> acessado em 18.jun.2020

FRANZINI, Fábio. **Da expectativa fremente à decepção amarga**. Revista de História (São Paulo), n. 163, 2003.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. **The soccer stadium as a disciplinary space**. Esporte e Sociedade, Rio de Janeiro, ed. 1, p. 1-6, 2005.

GERALDINOS. Direção: Pedro Asberg. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95YndskxXH8>. Acesso em: 17 jun. 2020.

LEFEBVRE, H. **Posição**: Contra os tecnocratas. São Paulo: Nova Crítica, 1969.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2015. MAIOR, J. L. S. Lei Geral da Copa: explicitação do estado de exceção permanente. In: _____ Brasil em jogo: O que fica da Copa e das Olimpíadas? São Paulo: Boitempo, 2014.

MARACANÃ: curta-metragem "Geral". Direção: Anna Azevedo. [S. l.: s. n.], 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vDCD9kL9pvI>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. **O direito ao estádio**. 12 maio 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-direito-ao-estadio/>. Acesso em: 16 jun. 2020

MASCARENHAS, Gilmar. **Maracanã: um rio que virou represa**. Ludopédio, [S. l.], p. 1-5, 22 fev. 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/maracana-um-rio-que-virou-represa/>. Acesso em: 13 jun. 2020.

MOTA, Jessica; BODENMÜLLER, Luiza; VIANA, Natalia. **Legado pra quem?**. Ludopédio, [S. l.], p. 1-11, 6 abr. 2014. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/legado-pra-quem/>. Acesso em: 8 jun. 2020.

MELLO, Paulo Thiago. **O Maracanã da gentrificação**. Canal Ibase, [S. l.], p. 1-2, 5 jun. 2013. Disponível em: <http://www.canalibase.org.br/o-maracana-da-gentrificacao/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

O MARACA é Nosso?. Intérprete: Leonardo Harim, Renan Silva, JV Santos, Gê Vasconcelos, Wagner Novais, Gustavo Guimarães, Eduardo Santos, Jonas Rosa, Marcelo Scofield, Leo Lima, Felipe Vianna, Micael Hocherman, Rafael Martineau, Ciro Mello, Victor Domingues, Antonio Equi, Caique Mello Rocha, Cadu Barcellos. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vDCD9kL9pvI>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ROBERTSON, Roland; GIULIANOTTI, **Richard**. **Fútbol, globalización y glocalización**. Revista Internacional de Sociología, Madrid, v. LXIV, n. 45, p.9-35, septiembre-diciembre, 2006.

SIMMONS, Robert. **Implications of the Bosman ruling for football transfer markets**.2008; <https://doi.org/10.1111/1468-0270.00036>

SONDAAL, Tiest. **Football's grobalization or globalization?** The lessons of Liverpool Football Club's evolution in the Premier League era, *Soccer & Society*, 14:4, (2013); 485- 501. DOI: 10.1080/14660970.2013.810432

SANT'ANA, Luiz Carlos. **O Maraca é nosso?** Ludopédio, [S. l.], p. 1-8, 26 jul. 2017. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-maraca-e-nosso/>. Acesso em: 2 jun. 2020.

VAINER, C. **Megaeventos, Cidade de Exceção e Democracia Direta do Capital:** Reflexões a partir do Rio de Janeiro. In: VAINER, C., et al. *Os Megaeventos e a Cidade: Perspectivas Críticas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

VAINER, C. **Pátria, empresa e mercadoria:** notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

VILLELA, Mariana. **O Maraca não é mais nossa casa.** Ludopédio, [S. l.], 11 ago. 2017. *Futebol Catarse*, p. 1-6. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-maraca-nao-e-mais-nossa-casa/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

VILLELA, Mariana Vantine. **Desafios do futebol brasileiro frente ao neoliberalismo.** Ludopédio, [S. l.], p. 1-6, 1 abr. 2017. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/desafios-futebol-brasileiro-frente-ao-neoliberalismo/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

